

TESTE CLOZE: FERRAMENTA DE COMPREENSÃO LEITORA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Rosiene Omena BISPO¹

RESUMO: Esse artigo relata uma pesquisa cujo intuito foi investigar a compreensão de textos numa sala de 8º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino. Os dados foram coletados a partir da aplicação de dois testes clozes. A fundamentação teórica aborda a leitura na escola e seu papel na aprendizagem, a compreensão e seus aspectos cognitivos além dos instrumentos de avaliação da compreensão leitora. A pesquisa revelou que os alunos precisam melhorar o processamento de leitura. Que o fluxo de leitura precisa ser monitorado de forma consciente e que medidas corretivas precisam ser tomadas pelo professor quando percebido as falhas na compreensão.

Palavras-chave: papel da leitura na aprendizagem; compreensão leitora; teste cloze

INTRODUÇÃO

Já faz parte do cotidiano do professor de Língua Portuguesa, avaliar a compreensão leitora dos seus alunos. Essa avaliação cotidiana se dá muitas vezes de forma intuitiva e pouco aprofundada. No entanto, vem aumentando a cada dia a cobrança no tocante a desenvolver nos educandos a capacidade leitora.

Essa exigência vem se intensificado desde 2007 quando o Ministério da Educação (MEC) começou a fazer medição do desempenho em larga escala dessa capacidade, através da Prova Brasil, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

O fato de essa aplicação resultar no IDEB das escolas tem modificado a forma de trabalho com a leitura em sala de aula. Primeiro somos enquanto professores da disciplina orientados pelas Secretarias e por sua vez pela equipe pedagógica da Instituição na qual lecionamos a desenvolver atividades que levem os alunos a desenvolverem determinadas competências e habilidades de leitura.

A requisição feita às escolas se dá pelo resultado insatisfatório no desempenho dos alunos ao serem testados na avaliação citada, ou seja, o indicador preocupante tem sido a baixa proficiência obtida pelos alunos nos exames padronizados. O MEC com o intuito de garantir que gradativamente os alunos possam ir melhorando essas aquisições tem

¹ ¹ Mestra em Letras (PROFLETRAS) pela universidade Federal de Alagoas - UFAL. Email: rosyomena31@hotmail.com

estabelecido metas a serem alcançadas por cada instituição. E, como suporte há uma escala de proficiência que estabelece o nível da capacidade leitora dos alunos que realizaram a avaliação que por sua vez representam toda a escola.

No entanto, no tocante a leitura existe outras pesquisas que avaliam a compreensão leitora dos alunos que podem também servir de suporte para novas formatações e efetivação do desenvolvimento da capacidade leitora do aluno, visto que não é nada fácil desenvolver essas capacidades, principalmente nos alunos do segundo seguimento do ensino fundamental, uma vez que o tempo de aula semanal não é suficiente para um contato contínuo com o aluno que por sua vez carrega consigo um déficit de aprendizagem muito difícil de ser corrigido, principalmente na leitura e compreensão cuja responsabilidade fica apenas a cargo do professor de língua portuguesa.

Na busca pelo sucesso educacional, muitos professores têm buscado acesso a cursos de formação para continuar investigando e aprimorando seus conhecimentos e fazendo uso de ferramentas que possam servir de aporte para os educandos no desenvolvimento de seus conhecimentos. O mestrado profissionalizante em Letras (PROFLETRAS²) é um desses cursos que tem favorecido uma reflexão teoria & prática capaz de redimensionar o fazer pedagógico em muitas salas de aulas de vários municípios e estados no âmbito nacional.

Assim, direcionados pelas aulas da disciplina de Aspectos Sociocognitivos e Metacognitivos da Leitura e da escrita sob a orientação da professora Maria Inez Matoso Silveira³, refletimos sobre outras possibilidades de pesquisas que tratam da leitura e da compreensão além da utilizada pelo MEC a cada dois anos – Prova Brasil como: os Protocolos Verbais e o Teste Cloze.

E, como o curso propõe um diálogo permanente entre a teoria e a prática nos deparamos, com uma nova incumbência: sermos professores investigadores. O termo professor investigador é usado de forma corriqueira em nossa profissão, mas sem a devida compreensão do que de fato é ser professor pesquisador. Dessa forma o desafio tem sido

² É um curso de pós-graduação stricto sensu que conta com a participação de instituições de ensino superior públicas no âmbito do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e é coordenado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

³ Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística e dos Programas de Pós Graduação em Educação (PPGE) e em Letras e Linguística (PPGLL) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS).

mudar a postura e também fazer da sala de aula um campo de pesquisa para podermos conhecer mais e melhor as dificuldades e, ou sucessos dos nossos alunos.

A cada disciplina somos encarregados de realizar uma experiência e verificar os pontos positivos e negativos da aplicação. A disciplina supracitada nos levou a aplicar um dos instrumentos de leitura e compreensão em sala para podermos constatar a luz de teorias a capacidade leitora de nossos alunos.

Esse trabalho é resultado da aplicação do teste cloze aplicado numa turma de 8º ano de uma escola pública do município de São José da Laje pertencente à rede municipal de ensino.

No portal do IDEB⁴ que possibilita acesso ao diagnóstico atualizado da situação educacional em todas as suas esferas, mas também a projeção de metas individuais das escolas rumo ao incremento em busca qualidade de ensino, aponta que essa escola não atingiu a meta⁵ proposta, e o desempenho dos alunos cresceu 1% em 2011, último resultado divulgado pelo MEC até então.



Figura 1. Fonte: QEdU.org.br. Dados do Ideb/Inep (2011). Organizado por Meritt (2014)

Porém, a escola já tem o resultado preliminar do nível de proficiência de acordo com a escala da última aplicação da prova Brasil de 2013:

⁴ A ideia de um portal com dados do Ideb surgiu em julho de 2010, quando o MEC divulgou o Ideb 2009 e os fundadores da Meritt observaram que a sociedade estava muito interessada em entender e acompanhar a qualidade da educação brasileira a partir do índice.

⁵ O caminho traçado de evolução individual dos índices, para que o Brasil atinja o patamar educacional que têm hoje a média dos países da OCDE.

Resultado Preliminar do 9º ano do Ensino Fundamental

Resultado	Língua Portuguesa	
Desempenho médio da escola		2013
	2011	218.82
	221,7	

Figura 2. Fonte: INEP

A relevância desta pesquisa foi situada principalmente no propósito de investigar a compreensão de leitura desses alunos a fim retroalimentar e incrementar o trabalho com a leitura uma vez que a efetiva aprendizagem dessa competência transforma a realidade escolar e alavanca por sua vez os índices fazendo com que as metas individuais previstas possam ser alcançadas.

E mais ainda porque, nesta escola, em especial o desempenho em leitura e compreensão conforme mostra os dados acima tem diminuído na escala e mantido o mesmo Nível 4 - 200 a 225 na mesma escala de proficiência de Língua Portuguesa, quando na verdade deveria aumentar. Esse resultado nos leva a reconhecer que o ensino de leitura requer estratégias mais eficientes para o público leitor, e nos levará a alcançar resultados mais efetivos de leitura na escola o certamente refletirá em leitores mais competentes (BORTONI-RICARDO, 2012).

Nessa perspectiva, nos tópicos desse artigo, busco responder ao seguinte problema inspirador: como diagnosticar e intervir para expandir o desempenho da compreensão leitora dos alunos do 8º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino?

Nas seções que seguem abordarei alguns temas relativos à relação da leitura na escola e seu papel na aprendizagem, a compreensão da leitura e seus aspectos cognitivos, a avaliação da compreensão leitora e seus instrumentos de avaliação da compreensão leitora e o aspecto metodológico específico da pesquisa aqui referida.

A leitura na escola e seu papel na aprendizagem

A leitura tem sido ao longo de vários anos objeto de pesquisa e, vários modelos já foram delineados com vista a tornar a sua prática mais eficaz no âmbito escolar uma vez que é

a escola a principal agência facilitadora da aquisição dessa competência. No entanto, a escola não tem favorecido significativamente essa aprendizagem conforme alerta Kleiman (2011, p.30).

Cabe notar que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de língua.

O fato da escola ainda não ter conseguido realizar um trabalho eficiente de leitura não deve ser visto de forma negativa, pelo contrário, há que se continuar investigando sobre o conceito e finalidades para que se possa aprimorar algo que é tão essencial para o desenvolvimento do cidadão aluno. Como afirma Bortoni – Ricardo (2012, p.87).

[...] a leitura é essencial para o indivíduo construir seu próprio conhecimento e exercer seu papel social no contexto da cidadania, pois a capacidade leitora amplia o entendimento de mundo, propicia o acesso à informação, facilita a autonomia, estimula a fantasia e a imaginação e permite a reflexão crítica, o debate e a troca de ideia.

O autor na citação acima consegue em poucas palavras sintetizar o quanto é importante que o aluno se desenvolva como leitor e os benefícios que ele pode ter ao conseguir fazer uso efetivo da leitura.

E, a escola cabe efetivamente redescobrir seu papel, redesenhar seu caminho e unir esforços para poder apontar um caminho, como defende Orlandi (1988) a leitura não pode ser resumida a seu caráter instrumental e técnico.

Contudo, para desenvolver esse potencial, o aluno precisa de um profissional que faça a mediação, que de forma experiente faça a ponte entre o aluno e o texto e que tenha pleno conhecimento sobre processos interativos e a percepção da necessidade de realizar a mediação. BORTONI - RICARDO (2012).

Assim, o professor precisa ser figura determinante quando o assunto é leitura podendo engendrar o início de uma mudança, porém, além de conhecer o caráter multifacetado da leitura é preciso está acompanhando a evolução da ciência uma vez que esta sustenta os aspectos metodológicos da disciplina que leciona.

A compreensão da leitura e seus aspectos cognitivos

A compreensão da leitura envolvem diversos aspectos cognitivos e o conhecimento a cerca desses aspectos podem contribuir para redimensionar o planejamento do ensino de leitura.

E sobre essa tarefa de desvendar a leitura e suas multifacetadas, ou mesmo sua complexidade KLEIMAN (2011) acende um farol dizendo que essa incumbência não cabe apenas ao professor de Língua Portuguesa e enfatiza que todo professor independente da disciplina que leciona precisa ser também um professor de leitura. E, para isso é preciso conhecer seus pormenores (características e dimensões) colocando-os mais próximos do objetivo de formação de leitores.

Como ela, muitos até já disseram isso, parece até já ser lugar comum. É exatamente nesse ponto que a escola continua pecando. É fácil notar as dificuldades dos discentes quanto se trata de leitura, é mais fácil ainda em reunião de professores, escutar da boca da maioria, das mais diferentes áreas, principalmente a partir dos 6º anos onde as turmas são compartilhadas, que os alunos têm dificuldades com leitura e compreensão. Porém, quando se trata de trabalhar com a leitura parece ser tarefa apenas dos que lecionam exclusivamente Língua Portuguesa.

O que nos falta então? Como desvendar a leitura? Como conduzir as aulas também orientando para que a competência leitora possa ser aprimorada? O que nos revela a ciência?

Para responder a esses questionamentos é necessário compreender o processo cognitivo da leitura. Porém, antes de tratar desse aspecto GABRIEL (2014) diz que: “Para dá conta dessa questão, é necessário esclarecer o que entendemos por “ler”.” E, ela continua falando de duas concepções bastante aceitas na comunidade científica. Sendo a primeira, “ler é estabelecer uma relação entre grafema e fonema”, e a segunda, “ ler é estabelecer uma relação entre símbolo e um significado”, e, nesses dois tipos de leituras, operaria uma capacidade cognitiva comum: a capacidade simbólica ou referência virtual.

A leitura pode ser abordada sobre vários aspectos, todos dignos de atenção, todavia Silveira (2008) nos situa para o fato de se não houver propriedade dos procedimentos cognitivos e estratégicos a leitura poderá de tornar em uma tarefa árdua.

Considerando também a importância desses aspectos SIQUEIRA, ZIMMER (2006) enfatizam:

A leitura é também um enigma cognitivo. Cognitivo, pois está relacionada ao conhecimento e a aprendizagem, uma vez que a compreensão de um texto se dá no cérebro do leitor. Enigma porque, apesar dos grandes avanços das pesquisas, ainda há muito a desvendar.

Sem sombras de dúvidas ainda há muito que se desvendar sobre leitura. Há, porém, uma gama de confirmações feitas através de estudos que precisam ser socializadas no meio escolar, circular como informação para aquele que está diretamente, ou melhor, literalmente mergulhado no trabalho com a leitura - o professor.

Dentre essas informações algumas, a saber: que há vários tipos de leitura que poderão ser usadas como metodologias por todos os professores em sala de aula, que há técnicas de leitura que também poderão ser ensinadas e sugeridas em atividades diárias que por sua vez certamente farão com que os alunos paulatinamente desenvolvam estratégias de leitura ascendente (botton-up), descendente (top-dow), ou mesmo a integradora ou ainda a inferencial.

Essas estratégias cognitivas regem os comportamentos automáticos, inconscientes do leitor, e o seu conjunto serve essencialmente para construir a coerência local do texto, isto é, aquelas relações coesivas que se estabelecem entre elementos sucessivos, sequenciais no texto. KLEIMAN (2011, p.50).

Além dessas estratégias cognitivas é necessário ainda que a escola ao trabalhar com texto considere ainda que a leitura precisa surgir de uma necessidade para chegar a um propósito.

A avaliação da compreensão leitora e seus instrumentos de avaliação

A compreensão é um processo intrínseco, por isso muito complexo que acontece à medida que o leitor entra em contato com o texto atribuindo-lhe sentido. Avaliar esse processo mental não é tarefa fácil. Há um número reduzido de instrumentos capazes de dá pistas dessa compreensão leitora.

Uma opção de instrumento são os testes de múltiplas escolhas que consistem na marcação de apenas uma opção, comumente acompanhada de gabarito. Ferramenta bastante difundida por ser utilizada pelas avaliações do MEC em larga escala. A técnica como diagnóstico é difícil de ser elaborada, levando costumeiramente ao uso de versões anteriores da Prova Brasil

para serem aplicadas na sala como preparação para as avaliações vindouras e, como vantagens são fáceis de corrigir.

Uma segunda opção são os protocolos verbais. BORTONI-RICARDO (2012, p.47) usou protocolos verbais e diz: [...] “Em linhas gerais, ao usar protocolos verbais, o pesquisador pede ao sujeito que pense alto enquanto se desincumbe de uma tarefa”. [...].

Essa ferramenta de avaliação é utilizada por muitos pesquisadores, porém não é recorrente entre os professores do ensino fundamental. Ou melhor, é pouco difundida entre os professores da educação básica. E, como proposta para ser aplicada em sala de aula não seria fácil realizar, devido à organização do tempo de aula e ao número de alunos que trabalhamos de forma simultânea. Mas, é uma opção bastante instigante e que certamente merece ser aplicada e avaliada como proposta.

Uma terceira opção, e a selecionada para essa experiência em sala de aula trata-se do teste cloze. (SANTOS, BORUCHOVITCH, OLIVEIRA, 2009, p. 68) afirma, que: “Várias são as vantagens em se utilizar o Cloze. Dentre elas, que se trata de um instrumento de fácil construção, manipulação e interpretação.”

O teste cloze é bastante usado e difundido em pesquisas internacionais e nacionais na compreensão de leitura, sua eficácia confirmada em diferentes contextos. O teste já foi aplicado em diferentes séries, no ensino fundamental, básico e superior.

Ele foi criado por Wilson L. Taylor em 1953, e consiste em lacunar o texto amparado na ideia de que o leitor pode perceber a sentença, mesmo ela estando lacunada, e preenchê-la de modo a estabelecer significado durante todo o texto.

O teste pode ser organizado de várias maneiras, dependendo o nível de dificuldade que se pretende atingir. Apresenta também formas variadas a depender do objeto que se pretende atingir. Segundo Oliveira et.al. (2009), embasadas em Condemarin e Milicic (1988) há 10 tipos diferentes do teste. A escolha da forma de teste cloze vai depender do objetivo de leitura e do grau de dificuldade que se pretende atingir: Sendo as suas principais formas:

1. *Cloze lexical* - são omitidos do texto apenas os itens lexicais, como substantivos, adjetivos, advérbios, entre outros.
2. *Cloze gramatical* - são omitidos os itens relacionais, como verbos, conjunções, artigos, entre outros.

3. *Cloze labirinto* - o leitor deve eleger as palavras que completam a oração a partir de três opções previamente selecionadas que compõem o labirinto verbal.
4. *Cloze pareado* - nesse tipo de teste são omitidas cinco palavras por oração, as quais são dispostas em um quadro ao lado da oração a qual pertencem. O leitor deverá eleger a palavra correta que foi omitida e completar, sendo que todas as palavras dispostas no quadro completam de forma correta alguma sentença
5. *Cloze restringindo* - todas as palavras omitidas são dispostas ao lado ou abaixo do texto. O leitor deverá escolher a palavra correta para cada espaço, sendo que uma palavra, uma vez utilizada, não poderá ser usada novamente, a menos que o quadro seja composto de duas ou mais palavras iguais.
6. *Cloze com chaves de apoio* - em vez de um risco contínuo do tamanho da palavra omitida, faz-se pequenos riscos que representam cada letra omitida.
7. *Cloze pós leitura oral* - : a organização desse tipo de teste é igual a do cloze tradicional, a única diferença é que, antes de iniciar o preenchimento das lacunas, o leitor deve fazer uma leitura oral de todo o texto para então começar. O aluno, individualmente, é orientado a realizar a leitura, e, em seguida, deverá preencher as lacunas.
8. *Cloze interativo* - para cada omissão, os alunos devem eleger uma palavra adequada ao contexto e justificar sua escolha. Nesse modelo de aplicação, sugere-se que o avaliador anote as justificativas do aluno.
9. *Cloze cumulativo* - omite-se sistematicamente apenas uma única palavra, a qual o leitor terá que identificar.
10. *Cloze de múltipla escolha* - oferece ao leitor, alternativas para o preenchimento da lacuna, dentre as quais se deve escolher apenas uma.

Dentre os vários aspectos positivos, o cloze pode instrumentalizar o professor no seu fazer pedagógico subsidiando-o no trabalho de desenvolver no aluno um pensamento crítico.

Uma experiência com Cloze no 8º ano do ensino fundamental

Dentre as várias formas que o cloze apresenta a escolhida para essa experiência foi o cloze cumulativo. Foram selecionados dois textos já lacunados para serem aplicados. A aplicação

aconteceu numa turma de 8º ano formada por 50 alunos. No entanto, no dia da aplicação apenas 37 estavam presentes. Assim teremos 37 respondentes.

Alguns cuidados prévios foram tomados para evitar transtornos durante a aplicação do teste. Primeiro não apliquei no início da primeira aula visto que alguns alunos que residem no campo chegam atrasados. Segundo explicito a proposta do cloze e combinei com os alunos que eles deveriam preencher as lacunas sem pressa, que lessem quantas vezes julgassem necessário.

Na primeira aplicação foi utilizado o texto: *A barata* de Fernando Sabino (adaptação). Após a distribuição xerografia do texto a turma voltou-se para a leitura compenetrada com a tarefa. Os alunos não conversaram, nem olharam para os lados. Após a entrega das cópias marquei no relógio a hora e anotei o tempo que dos os três primeiros alunos levaram para preencher as lacunas bem como o tempo do último aluno a entregar o texto.

O tempo de leitura e respostas ficou na seguinte ordem: primeiro a preencher o teste gastou 48 min, o segundo e o terceiro terminaram simultaneamente e gastaram 57 min. Já o último a concluir o cloze gastou 1 h e 3min. Posteriormente computei os dados da pesquisa para comparar com a segunda aplicação que intencionava aplicar.

Na aula seguinte, como estratégia cada participante recebeu o texto e a correção foi feita coletivamente adotando os seguintes critérios: palavra esperada, palavras aceitável, palavra inaceitável, em branco.

Na segunda aplicação o texto selecionado foi: *Estrela do mar*, elaborado pela professora Inês Matoso Silveira. Nessa segunda aplicação havia mais alunos na sala, 47 respondentes. Obviamente alguns não participaram do primeiro teste, mas acompanharam a correção de forma que tiveram também uma primeira experiência com o teste cloze.

Nesta aplicação, o primeiro aluno a conclui o teste gastou 37 min da aula para preencher todas as lacunas. O segundo 39 min, o terceiro 40 e o último aluno a entregar foi o mesmo que entregou por último no primeiro texto gastou exatamente 1h. Contudo, é preciso levar em conta que o texto 2 era menor que o primeiro.

Vale ressaltar ainda que no momento da aplicação, a sala mais uma vez se concentrou no texto e à medida que iam terminando orientei que se dirigissem ao pátio a fim de garantir um ambiente favorável à leitura. Tudo ocorreu conforme o planejado e não houve nenhum incidente durante a aplicação.

Análise dos dados obtidos

Nesse tópico, serão analisados os resultados dos testes aplicados. O primeiro, mesmo sendo para os alunos se familiarizarem com o exercício será também analisado a fim de comparação, ou seja, para perceber se o aproveitamento foi ou não maior após a primeira experiência. Como critério tal como Ferreira (2011, p.84) “serão dispensadas de comentários críticos as respostas das lacunas que evidenciaram o maior número de resposta esperada”.

A fim de facilitar a análise levarei em conta às sugestões de Ferreira (2011) no tratamento das informações: *palavra esperada*, *palavra aceitável*, *palavra inaceitável* além de computar também as lacunas deixadas em branco. Como percentual de corte também usarei as sugeridas pelo autor supracitado: os resultados que alcançarem resposta esperada abaixo de 56%.

“[...] como referência a avaliação da compreensão no teste cloze a partir da classificação em três níveis: **frustração** (menos de 44%), **instrucional** (entre 44% e 56%) e **independentes** (superiores a 56%). definidos por Bormuth (1968).” (FERREIRA, 2011 apud SANTOS et al, 2006. Grifo meu.

Primeiro texto selecionado para o teste cloze:

A BARATA (Fernando Sabino. O menino no Espelho. RJ, Record, 1992) (adaptação)

Magricleia como a Clóvia Palito, mulher de Popeya, parecia um galho seco dentro do vestido escuro. Nossa professora de Religião era antipática e ranzinza. Usava óculos com lentes grossas: não enxergava direito, vivia confundindo um aluno com outro.

A aula (1) _____ religião não contava ponto nem influa (2) _____, nossa média, mas a diretora nos(3) _____ a frequentar.

Um dia apareceu uma (4) _____ na sala de aula. Descobrimos então (5) _____ dona Risoleta tinha verdadeiro horror (6) _____ baratas: saltou um grilo, agostou a (7) _____ com o dedo trêmulo e sábio (8) _____ cadeira, pedindo que matássemos. Era uma(9) _____ grande, daquelas cascudas.

A classe inteira(10) _____ mobilizou para matá-la. Foi aquele alvoroço (11) _____, cotoveladas, pontapés, risos e gritaria, todos (12) _____ atingi-la primeiro. E a comada (13) _____ barata tomou, escapando por entre nossas(14) _____ patadas no chão. Até que, de (15) _____, teve a sorte de dar com (16) _____ passando a correr entre meus pés. Ai (17) _____ a minha pirada só.

Foi aclamado como (18) _____, vejiam só: herói por ter matado (19) _____ barata. Até dona Risoleta me agradeceu, (20) _____, descendo da cadeira e me dando (21) _____ beijo na testa. Esse beijo a (22) _____ não me perdoou; durante muito tempo (23) _____ vítima da maior gozação: diziam que (24) _____ Risoleta estava querendo me namorar.

Deste (25) _____ usou uma binóculo que passamos a (26) _____ em toda aula de religião, duas (27) _____ por semana. Alguém trazia uma barata (28) _____ dentro de uma caixa de fósforos vazia, para soltar na sala de aula(29) _____ as carteiras, até que um aluno(30) _____ a sua presença. Quando não era a (31) _____ Risoleta que soltava um grunhido: _____

- Minha noz! Uma barata!

As vezes mais de um (32) _____ trazia de casa pra soltar na (33) _____ a sua barata dentro de uma (34) _____ de fósforo ou latinha. Tivemos de (35) _____ antes, pois se aparecessem muitas (36) _____ de uma vez, dona Risoleta acabava (37) _____.

Um dia ela foi reclamar providências da (38) _____, dizendo que o prédio era velho que (39) _____ pedindo de uma limpeza em regra, (40) _____ cheio de baratas. Naquele tempo não (41) _____ defetização, de modo que a diretora (42) _____ tomou providência nenhuma, nunca tinha visto (43) _____ na escola. Aquilo eram fricotes de (44) _____ Risoleta.

E a coisa ficou por (45) _____ mesmo, de vez em quando aparecendo(46) _____ baratinha para alegrar a aula de(47) _____.

Sóbio pela pena (de) (48) _____ professora e foi se esconder debaixo (49) _____ sua saia. A mulher do an (50) _____ de três metros de altura se (51) _____ toda, aos berros, como se estivesse(52) _____ do demônio, por pouco não se(53) _____ pela janela.

Figura 3. Fonte: elaborado pela profa. Dra. Maria Inês Matoso Silveira

O texto é uma adaptação do Romance: O menino no espelho de Fernando Sabino. No romance o Fernando Sabino é o próprio narrador e conta as peripécias da sua infância em Belo horizonte. As histórias são leves e engraçadas como o episódio adaptado para o teste

cloze. Segundo a professora Inês Matoso, o texto em tela já foi utilizado em várias aplicações e em diferentes séries. Ainda segundo ela a sua leveza agrada diferentes públicos leitores.

A tipologia predominante é a narrativa, porém a descrição se faz bem presente, os verbos apresentam-se no pretérito, marcado por sequenciadores temporais. 57,6% das lacunas respondidas corresponderam ao resultado desejado - nível independente, considerando o percentual de corte supracitado de 56%. Ao passo que 42,4% não corresponderam as expectativas. A coluna, abaixo corresponde às lacunas que não atingiram o percentual de corte. Assim é possível perceber que as lacunas 3, 7, 15, 16, 17, 23 e 41 podem ser encaixadas no nível instrucional (entre 44% e 56%) totalizando um percentual 14,8% das lacunas. As demais lacunas apresentam o percentual 31,9% de acerto - nível frustração, como mostra a tabela abaixo:

Nº Lacunas	Palavra esperada	Percentual de decorrência da palavra esperada %
3	obrigava	48,6%
7	intrusa	48,6%
11	correria	29,7%
12	tentando	18,9%
14	fortes	18,9%
15	repente	48,6%
16	ela	54%
17	matei	51,3%
18	herói	37,8%
20	aliviada	13,5%
22	turma	24,3%
23	fui	48,6%
25	episódio	32,4%
26	repetir	10,8%
28	viva	27,5%
29	entre	10,8%
30	denunciasse	10,8%
38	direção	37,8%
41	existia	45,94%
45	isso	35,1%
51	entronchou	32,24%
52	jogou	29,7%

Figura 4. Fonte: (BISPO, 2015)

As lacunas 3, 17, 23 e 41 denotam dificuldades em encaixar o verbo e flexioná-lo adequando-o ao contexto, na coluna 15 desconsideraram a pista deixada pela preposição “de” para formar uma locução adverbial.

As lacunas que se encontram no nível de frustração reforçam principalmente as dificuldade com a classe gramatical- verbo, reincidente nas colunas 11, 12, 26, 30 e já comentada no nível instrucional.

Na lacuna 18 com percentual de 37,8% de erros a resposta só podia ser “herói” e é realmente frustrante perceber que desconsideraram as pistas trazidas pelo próprio texto que repete a palavra dando-lhe ênfase.

O segundo texto escolhido para aplicação é um texto do gênero parábola cuja característica principal é utilizar uma linguagem simbólica para transmitir uma lição. O texto apresenta uma narrativa simples. Segundo Ferreira, (2011, p.86) [...] se caracteriza, basicamente pela sequência temporal e lógica dos fatos no passado e geralmente, aparecem os marcadores e sequenciadores temporais, como: certo dia, quando etc. Segundo texto selecionado para aplicação do teste cloze:

Teste cloze do texto: Estrelas-do-mar

Era uma vez um escritor que (1) _____ numa tranquila praia, junto de uma (2) _____ de pescadores. Todas as manhãs, ele(3) _____ à beira do mar para se (4) _____, e à tarde ficava em casa escrevendo (5) _____ caminhando na praia, ele(6) _____ um vulto que parecia dançar(7) _____, ele reparou que se tratava (8) _____ um jovem que recolhia estrelas-do-mar da (9) _____ para, uma a uma, jogá-la novamente de (10) _____ ao oceano. “Por que está fazendo isso?”, (11) _____ o escritor. “Você não vê?!” , explicou o (12) _____. “A maré está baixa e o (13) _____ está brilhando. Elas irão secar e(14) _____ se ficarem aqui na areia” O (15) _____ espantou-se e disse: “ - Meu jovem, existem(16) _____ de quilômetros de praia por este(17) _____ e centenas de milhares de (18) _____ espalhadas ao longo da orla marítima. Que(19) _____ faz? Você joga umas poucas de (20) _____ ao oceano , mas a maioria (21) _____ perecer de qualquer forma.

O jovem (22) _____ mais uma estrela na praia.(23) _____ de volta ao oceano e disse (24) _____ ao escritor: “ Para essa aqui eu(25) _____ a diferença”.

Naquela noite, o escritor não conseguia (26) _____, sequer dormir. Pela manhã, voltou à (27) _____, procurou o jovem, uniu-se a eles e, juntos (28) _____ começaram a jogar estrelas-do-mar de (29) _____ ao oceano.

Sejamos, pois mais um dos que (30) _____ fazer do mundo um lugar melhor.

(31) _____ a diferença!

Figura 5. Fonte: elaborado pela profa. Dra. Maria Inês Matoso Silveira.

Nesse texto, 51.6% das lacunas correspondem ao resultado esperado – nível independente. Nas lacunas restantes 12,5% estão no nível instrucional e 35, 4% no nível frustração. A tabela abaixo revela o percentual por coluna.

Nº Lacunas	Palavra esperada	Percentual de decorrência da palavra esperada %
7	perto	30,2%
10	volta	44,1%
13	sol	37,2%
14	morrer	53,4%
16	milhares	37,9%
19	estrelas	11,6%
20	diferença	20,9%
21	volta	27,9%
22	vai	34,8%
23	pegou	41,8%
24	esperadas	25,5%
25	fiz	44,1%
26	escrever	34,8%
30	queremos	39,5%
31	façamos	20,9%

Figura 6. Fonte: (BISPO, 2015)

Como se pode observar o problema com o verbo persiste mesmo após correção do texto 1 e explanações realizadas na aula. As lacunas 10, 14, 21, 22, 23, 25, 26, 30, 31 corroboram as observações feitas em relação ao uso dessa classe gramatical que se sobressai em relação às outras.

Considerando os textos separadamente os alunos se saíram melhor no primeiro texto mesmo sendo a primeira vez que realizaram o teste, no segundo, apesar da experiência anterior o resultado foi puxado pelo uso inadequado, indevido dos verbos que aparecem com maior frequência e é o responsável por diminuir as respostas esperadas.

E, se somadas as lacunas no nível esperado nos dois textos, obteremos um percentual de 55,9. Esse resultado é a fotografia da turma no tocante a compreensão leitora. A turma está beirando o nível instrucional, quase saindo do nível frustração.

Considerações Finais

A experiência proposta para observar os aspectos cognitivos e ou metacognitivos de leitura a partir da aplicação do teste Cloze foi inovadora, uma vez que até então, eu apesar de lecionar há 23 anos, desconhecer esse instrumento simples e eficiente para desenvolver as habilidades leitoras dos alunos e averiguar o nível de proficiência de cada um.

O contato inicial com esse instrumento se deu nas aulas da Disciplina Aspectos sociocognitivos e metacognitivos da Leitura e da Escrita no mestrado. Junto a essa experiência cresceu a necessidade de continuar utilizando o teste cloze junto a outros instrumentos diagnósticos e de intervenção visto que os resultados indicam com segurança o grau de dificuldade dos alunos. No caso específico dessa turma os resultados apontaram que o nível de leitura não estar compatível com a escolaridade.

Outro sim, os resultados indicaram ainda que a compreensão só se torna efetiva se o informante aliar o conhecimento linguístico a outros conhecimentos. Para que isso aconteça de forma mais eficaz é importante que o indivíduo amplie seu vocabulário e obtenha o conhecimento prévio adequado por meio de estratégias de leitura aliados ao conhecimento sistêmico da língua.

Considerando a relevância da ferramenta e as contribuições expressivas para o desvelado processo que a leitura, aproveito para indicá-la a todos os profissionais que trabalham com a leitura, em especial aos da área de linguagens. A experiência mostrou que é possível e viável realizar um diagnóstico da compreensão leitora a partir desse instrumento.

Enfim, o diagnóstico de leitura deve ser imprescindível, quer seja através do teste cloze, quer seja por meio das questões de múltiplas escolhas - usadas em larga escala - ou mesmo por meio do protocolo verbal para estabelecer um plano estratégico de intervenção no sentido de contribuir para reverter os índices baixos no processamento de leitura e da compreensão e na busca continua e incessante por formar leitores independentes, autônomos, críticos e criativos.

Referências

BORTONI – RICARDO, Estela Mares et al. **Leitura e Mediação Pedagógica**. São Paulo, Parábola, 2012.

FERREIRA, Ana Márcia. **A compreensão Leitora de professores dos anos iniciais: um estudo de caso**. Maceió, EDUFAL, 2011.

GABRIEL, Rosângela. **A Compreensão em Leitura enquanto Processo Cognitivo**. Disponível em: <

<http://www.maceio.al.gov.br/semad/saberes-docentes-em-acao/>

http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/coloquios/ii/compreensao_leitura_e_nquanto_processo_cognitivo.pdf>. Acesso em: Jul. 2014.

KLEIMAN, Angela. **Texto & Leitor. Aspectos Cognitivos da Leitura.** 14ª edição, Campinas, SP, Pontes Editores, 2011.

OLIVEIRA, K. et. al. **A técnica de Cloze na avaliação da compreensão em leitura.** In: Cloze: Um instrumento de diagnóstico e intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.47-78, 2009.

SIQUEIRA, Maity, ZIMMER, Maria Cristina. **Aspectos Linguísticos e Cognitivos da leitura.** Disponível em: <
http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/1238/1/2006_art_MSiqueira.pdf>. Acesso em: jul.2014.

SANTOS, Acácia A.A.dos Santos, BORUCHOVITCH, Evely, OLIVEIRA, Katya L.de Oliveira. **Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.